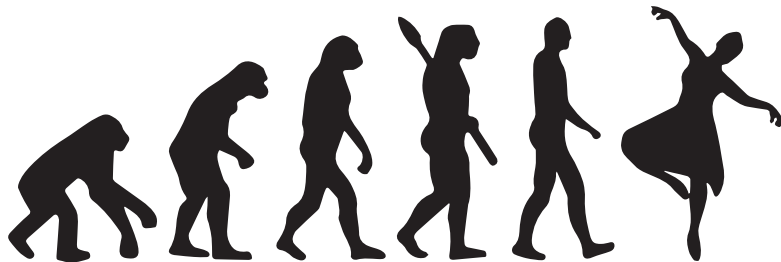


ACADEMIA DE DANÇA DE GAIA

21 de Julho de 2018



MENSAGEM OFICIAL DIA MUNDIAL DA DANÇA:

Para elogiar uma coreografia, os críticos usam uma infinidade de expressões como: inovadora, avançada, arrojada, ousada, revolucionária, de ponta, renovadora, radical, transformadora, vanguardista. Fomos levados a acreditar que o novo é inerentemente bom, especialmente nas artes.

Para 2018, gostaria de propor uma nova visão das origens. Pode ser uma abordagem muito modernista de um período distante, ou uma reconstrução fiel baseada em pesquisa histórica ou uma criação entre estes dois.

Os coreógrafos podem apresentar a sua própria visão de um período antigo ou de apenas há um século atrás. É um desafio, terão que estudar as fontes e estender a sua imaginação. Eles podem optar por um olhar nostálgico ou um antiquado. Escolas de dança podem oferecer aulas e performances sob o tema da História: o passado, as origens, as raízes, a antiguidade, os precedentes.

Muitas vezes, as pessoas pensam que criaram algo novo simplesmente porque ignoraram criações passadas. Confucius disse: estuda o passado se quiseres definir o futuro.

Alkis Raftis

Presidente do Conselho Internacional da Dança, UNESCO

Paris, 29 de Abril de 2018

EVOLUTION

ACTO I

Dança Tribal

Ana Sofia Graça, Márcia Soares e Marta Lima

Kuku, Highlight Tribe por **Marta Lima**

Tipicamente acompanhadas de música vocal e percussiva, que variava de Tribo para Tribo, estas danças eram usadas para comunicar emoções, transmitir a história, assistir a ritos de passagem, fortalecer os laços entre a comunidade e promover um sentimento de unidade.

Ainda centrais para a cultura e o modo de vida de Tribos Africanas, estas danças são sincopadas e complexas, fazem uso de todo o corpo, com um foco particular em isolamentos elaborados e movimentos angulares e assimétricos. Os gestos captam o espírito da força vital representada; eles são uma expressão espiritual como elementos de pantomima simulando a natureza.

Dança do Ventre

Ana Tojal, Andreia Mendes, Clara Nogueira, Cristina Éme e Isabel Santos

The Mystic's Dream, Loreena McKennitt por **Marta Aguilar**

A Dança do Ventre surgiu como ritual sagrado, anterior à mais antiga civilização reconhecida historicamente, a Antiga Suméria em 6500 a.C..

Observando as mulheres que davam à luz após um período de 9 luas de gestação, acreditava-se que todo o Universo teria sido criado pelo ventre de uma Deusa Mãe. Os úteros das mulheres eram reverenciados, dançando como sagrados, vibrando e ondulando para garantir a prosperidade e a fertilidade da terra e das mulheres. As formas dos movimentos estão repletos de simbologia associada às transformações da Natureza e do Universo e à explicação da Vida e dos mistérios. Estes cultos intensificaram-se com a consolidação das civilizações do Médio Oriente e eram transmitidas de mães para filhas. Com a invasão Árabe, a ascensão do Patriarcalismo e do Monoteísmo, a Dança do Ventre foi perdendo o cariz de culto e foi-se misturando com danças folclóricas e populares.

Hula

Beatriz Silva, Francisca Cardoso, Gabriela Santos, Lucca Guerreiro, M^a Vasconcelos Coelho, Matilde Costa, Mia Guerreiro, Rita Silva e Tita Carriço

He Mele No Lilo, Lilo & Stitch por **Marta Lima**

O Hula é uma dança ritual que remonta ao período histórico matriarcal, baseado na mitologia e no amor à Mãe Natureza, e consequentemente na religião ancestral e modo de vida do povo Havaiano. Está enraizada nas cerimónias sagradas de fertilidade da terra e no entretenimento dos seus chefes.

A complexidade desta dança envolve as mãos, olhos, ancas e pernas, sendo que a história é contada com as mãos, os olhos dão a expressividade à mesma e o movimento dos pés e as ondulações das ancas exprimem ritmo. Cada movimento faz alusão a um elemento natural, desde as montanhas às ondas do mar, através de gestos corporais suaves e fluidos.

Dança Medieval

Adriana Gomes, Carolina Aguiar, Joana Pedrosa, M^a Sottomayor, Mariana Barbosa e Sienna Guerreiro
Pur la Terre, Pé na Terra por **Marta Lima**

Na Idade Média, a dança contribuía para a vida social de todas as classes, indispensável para todos os tipos de celebrações e lugares. Servia uma grande variedade de necessidades, desde o aliviar do trabalho, ocasião para ligações amorosas, demonstração de elegância ou riqueza.

Registos medievais trazem-nos a associação da gaita-de-foles a festividades, cultos, peregrinações e procissões e, conseqüentemente, a fortes crenças religiosas. Graças às suas propriedades sonoras, de alta potência, este instrumento gozou de maior admiração nas populações mais modestas e pastoris.

Rei Sol

Ana Isabel Almeida, Lara Silva, Nair Seixas e Sara do Mar
Spring, Antonio Vivaldi por **Marta Lima**

O Ballet de Corte atingiu o seu auge durante o reinado de Luís XIV, cujo cognome é derivado de um papel que ele dançou num Ballet. Muitos dos bailados apresentados na sua Corte foram criados por Pierre Beauchamp, que terá definido as cinco posições dos pés.

Em 1661, Luís XIV estabeleceu a Academie Royale de Danse, uma organização profissional para mestres de dança. Nessa altura, a Corte cedeu o seu lugar nos bailados aos bailarinos profissionais. Inicialmente, todos os bailarinos eram homens e dançavam com máscaras os papéis femininos. Luís XIV tinha um elevado apreço pelas artes e cultura, fundando diversas instituições de ensino de modo a elevar a qualidade da arte e organizar o ensino.

Bailado Cómico

Catarina Costa, Gabriela Oliveira, Kotryna Cardoso, Lara Oliveira, Mafalda Tavares, M^a João Costa e Mariana Sá
Dance of The Cock and Hens, John Lachberry por **Marta Lima**

Um dos mais antigos e mais importantes bailados do repertório moderno do Ballet Clássico foi o “La Fille Mal Gardée”, inspirado num quadro de Pierre-Antoine Baudouin. Apresenta-se como o primeiro bailado cómico, com uma história vulgar e apaixonada, exibindo pela primeira vez personagens realistas ao invés de mitológicas. Com a sua estreia em 1789, foi originalmente produzido por Jean Dauberval, considerado o melhor coreógrafo do seu tempo, treinado por Noverre, e que, posteriormente, terá influenciado fortemente Didelot, considerado o “Pai” do Ballet russo. Ainda que grande parte da coreografia se tenha perdido, as versões actuais são baseadas no cenário original.

Valsa

Ana Tojal, Cristina Éme e Nádia Lopes
Waltz n^o 2, Dmitri Shotakovich por **Elena Martinova**

A Valsa, de origem campestre e popular, nasceu como dança, na Áustria e na Alemanha, no início do século XIX, sendo posteriores à dança as composições musicais. Inicialmente, a valsa era vista como vulgar, e até imoral, pelas classes sociais mais altas e pela aristocracia, sendo que em alguns países foi até proibida. Quando Napoleão Bonaparte foi derrotado, em 1815, foi realizado o Congresso de Viena que reuniu a nobreza e os políticos de diversos países, com o objetivo de restabelecer os laços entre os países europeus. Nessa ocasião, o músico austríaco Sigismund Neukomm, introduziu a valsa entre a nata da sociedade europeia, o que garantiu, a partir de então, a presença desse tipo de dança nos palácios e cortes em todo o mundo. Surgiram então algumas diferenças entre a valsa original, a vienense, e outras que nela se originaram.

Marie Taglioni e Fanny Elssler

Ana Isabel Almeida, Ana Sofia Graça, Gabriela Brás, Lara Silva, Nair Seixas e Sara do Mar
La Sylphide Waltz, Chopin; Trad. Spanish, Paul Stobart por **Marta Lima**

Marie Taglioni, filha do criador de “La Sylphide”, e dos seus figurinos românticos, foi a maior bailarina da era romântica e uma das primeiras a dançar em pontas, ainda que bastante suaves e sem os materiais utilizados actualmente. Foi a primeira bailarina aplaudida pelo público feminino graças ao seu virtuosismo e à imagem de pureza e leveza.

Infelizmente, não existem quase nenhuns registos originais dessa produção.

Fanny Elssler, contrariamente ao ideal de bailarina na altura, distinguia-se por ser uma bailarina exótica, “sensual” e expressiva, que usava o tronco com muito mais vitalidade e quebrava a técnica académica da altura. O seu papel mais reconhecido foi o de Cachucca, que dançou pelo mundo.

O factor mais considerável que une estas duas bailarinas da década de 1830 é a qualidade da inovação assim como os seus dons específicos – o supernatural e o exótico, que marcaram a época Romântica.

Cancan

Andreia Mendes, Catarina Azevedo, Isabel Santos, Laura Rodrigues, Manuela Couto e Rita Garcia
Orphée aux Inferns, Jacques Offenback; El Tango de Roxanne, Moulin Rouge por **Marta Aguilar**

O Cancan nasceu na *Belle Époque* de uma mistura da Polca e da Quadrilha Francesa e caracteriza-se por passos enérgicos, firmes e saltitantes, chutos altos, piruetas e acrobacias. Por as bailarinas manejarem saias de folhos exibindo os trajes interiores foi considerada uma dança imoral e escandalosa, mas o fascínio do público pela mesma permitiu que se desenvolvesse nos cabarets de Montmartre, fazendo tremendo sucesso nas décadas de 1840 e 1850.

O Moulin Rouge ficou mundialmente conhecido na época e continua a ser o cabaret eleito nos circuitos turísticos nos nossos dias, em grande parte devido aos seus espectáculos fabulosos.

Marius Petipa

Ana Isabel Almeida, Ana Sofia Graça, Nair Seixas e Sofia Veiga
3rd River Variation and Coda, Cesari Pagni por **Marta Lima**

Marius Petipa era de origem francesa, mas estabeleceu-se mais tarde na Rússia. Criou desde logo a sua reputação como um dos maiores bailarinos do seu tempo, com a sua capacidade artística e teatral. Como coreógrafo - produziu mais de 50 peças -, Petipa é considerado a figura mais influente e marcante do género, tendo revolucionado o ballet como o conhecemos, com os seus grandes espectáculos, uso de magníficos *corps de ballet*, e tendo a bailarina principal com peça central do bailado. Ao nível coreográfico movimentos como voltas e saltos tornaram-se mais interessantes e espetaculares. Foi com a peça “Filha do Faraó” que ganhou o merecido reconhecimento em 1862, sendo chamado de ‘Pai’ do Ballet Clássico.

Arthur Saint-Léon

Adriana Gomes, Carolina Aguiar, Henrique Tavares, Joana Pedrosa, M^a Sottomayor, Mariana Barbosa e Sienna Guerreiro

Valse de la Poupée, Delibes por **Marta Lima**

“Coppelia”, baseado no conto de Hoffmann “The Sandman” e “The Doll”, é um bailado recheado de comédia e mímica e é considerado a obra-prima de Arthur Saint-Leon. Foi o primeiro a incluir Danças Folclóricas (Danças de Carácter), assim como movimentos robóticos de bonecos e marionetas. Estreado em 1870, o seu sucesso inicial foi interrompido pela guerra franco-prussiana e pelo cerco de Paris, mas acabou por se tornar um dos bailados mais dançados na Ópera.

Saint-Léon foi também um dos primeiros a elaborar uma das primeiras formas de notação complexa de danças, de modo a conseguir fixar combinações, não só de pés como de tronco e de braços.

Jules Perrot em Degas

Adriana Gomes, Ana Isabel Almeida, Ana Sofia Graça, Ana Tojal, Carolina Aguiar, Cristina Éme, Gabriela Brás, Henrique Tavares, Joana Pedrosa, Lara Silva, M^a Sottomayor, Mariana Barbosa, Sara do Mar, Sienna Guerreiro e Sofia Veiga

Dance of the Hours (versão piano), Amilcare Ponchielli por **Marta Lima e Elena Martinova**

As bailarinas são o tema mais popular de Edgar Degas, pintando séries de quadros de ensaios e aulas de Ballet de Jules Perrot. Degas revelava a deteriorização física causada pela dança clássica, que aparentava ser fácil. Os seus quadros evoluem ao longo dos anos, de cenas exactas onde demonstra o treino diário, e o cansaço das bailarinas nas pausas para estudos de movimento e, mais tarde, para composições completamente inventadas.

“Prima Bailarina” (1876/77) é um dos seus quadros mais famosos onde capta, de forma muito precisa, a graciosidade do momento transitório depois de um Arabesque e de acordo com Enrico Checetti “aspira à suavidade e facilidade na performance de dança, tudo deve ser harmonioso, por mais que trabalhes nas aulas ou ensaios, nenhum esforço deve ser visível nas apresentações; não deve haver nenhum sinal de concentração ou tensão, tudo deve ser livre e natural, pois a verdadeira arte é aquela que oculta o trabalho que a produziu”.

Tchaikovsky

Beatriz Silva, Beatriz Tavares, Francisca Cardoso, Gabriela Santos, Lucca Guerreiro, M^a Vasconcelos Coelho, Matilde Costa, Marta Teixeira, Mia Guerreiro, Rita Silva e Tita Carriço

Entrance of The Swans & Dance of The Little Swans, Tchaikovsky por **Marta Lima**

Tchaikovsky é considerado o compositor russo mais popular da história, compondo géneros como sinfonias, concertos, óperas e ballets, notável pela sua inspiração melódica e orquestração complexa de grande escala. Através da sua colaboração com Marius Petipa, alcançou a merecida popularidade do público, com o seu trabalho expressivo, emocional e dramático. Considerados como alguns dos seus melhores trabalhos são “o Lago dos Cisnes”, “A Bela Adormecida” e “O Quebra-nozes”.

Loïe Fuller

Ana Tojal, Andreia Mendes, Clara Nogueira, Cristina Éme, Isabel Santos, Lara Oliveira, Marta Aguilar e Sienna Guerreiro

Étude in A-Flat Major, op. 25 n° 1, Chopin por **Marta Aguilar**

Em 1892 no Folies-Bergère em Paris Loïe Fuller fez furor logo na sua primeira apresentação, por criativamente articular na sua performance, a dança, o teatro e a música com experiências cinéticas e de iluminação, do modo que ficou conhecido por ‘poesia de imagem’. Foi a primeira artista completamente sozinha em cena a ter um espírito livre de experimentação e a ter inventado os seus próprios códigos, movimentos e estilo artístico.

Pioneira no estilo Art Nouveau criou a Dança Serpentina, dança inovadora onde o corpo parecia desaparecer ao manipular saias e tecidos, cujas formas abstractas eram também modificadas pela incidência de luzes coloridas e sombras. Ficou conhecida como ‘Fada da Luz’.

Isadora Duncan

Ana Tojal, Clara Nogueira, Cristina Éme, Nair Seixas, Rute Landolt, Sara do Mar e Sofia Veiga

Melodie, Gluck por **Marta Aguilar**

Em 1902 Loïe Fuller recebeu na sua Companhia e promoveu a ainda desconhecida Isadora Duncan. Defensora ardente do espírito poético e da liberdade, Isadora sugeriu uma dança em total harmonia entre as emoções e a Natureza, ao gosto estético da Antiga Grécia. Influenciada pelos estudos de Delsarte sobre a intencionalidade do movimento e a expressividade do gesto - “O objetivo da arte é cristalizar a emoção no pensamento, e então fixá-la em uma forma” -, os pensamentos de Nietzsche e a poesia de Whitman, e porque acreditava na arte da dança enquanto força educacional e meio de transformação social, Isadora acabou por revolucionar a dança e se tornar na “Mãe” da Dança Moderna.

Libertou-se da rigidez do Clássico, dançando de pés descalços, cabelos meio soltos e túnicas leves, coreografando músicas que até então eram consideráveis apenas ‘audíveis’ e não ‘dançáveis’, e inventando o Movimento Livre onde incorporou gestos naturais e orgânicos, inclusive no chão, a respiração e o reencontro dos ritmos inatos do homem, metáforas dos movimentos da natureza e improvisou em cena.

INTERVALO

ACTO II

Mata Hari, St Denis e Ted Shaw

Ana Tojal, Andreia Mendes, Clara Nogueira, Cristina Éme e Isabel Santos,
Inner Peace, Heart Chakra Meditation & excerto Mata Hari Banda Sonora por **Marta Aguilar**

Em 1905 Mata Hari apresentava-se pela primeira vez em palco com coreografias próprias num estilo étnico inspirado em sacerdotisas e em Danças Indianas e Javanesas.

Um ano após a estreia de Mata Hari, Ruth St Denis começou a apresentar-se na Europa, criando danças decorativas onde representava a espiritualidade e as forças da natureza. Misticismo, exotismo e sensualidade apoteótica, absorvendo estilos e formas da cultura popular e do Orientalismo num estilo espiritual teatral caracterizam as danças de ambas as bailarinas.

Mata Hari acabou por ser executada por espionagem em 1917. Já St. Denis, entretanto casada com Ted Shawn, com quem em 1913 fundou a escola de Dança Moderna ‘Denihawn’ na Califórnia, a 1ª Instituição de Profissionalização da dança nos EUA e a mais influente e a maior escola de sempre – formou bailarinos conceituados como Jack Cole, Martha Graham, Doris Humphrey, entre outros -, e que viria a gerar a coragem e a ousadia para mais mudanças.

Charleston

Lara Oliveira, Laura Rodrigues, Margarida Campos e Sienna Guerreiro
The Charleston, James P. Johnson por Green Hill Instrumental por **Marta Aguilar**

Um período conhecido como os “anos loucos”, a turbulência social e política, o aumento dos intercâmbios culturais e a exportação do Jazz para a Europa difundiram e contribuíram para a moda *Flapper*, isto é, o novo estilo de vida das jovens, que passaram a usar saias curtas, aboliram o espartilho, cortavam os cabelos muito curtos à la Garçonne, usavam maquilhagem excessiva, frequentavam clubes nocturnos e ouviam e dançavam provocativamente o Jazz e o Charleston, desacatando a tradicional conduta feminina. O nome Charleston foi popularizado por uma canção de 1923 com esse nome, que se tornou um dos sucessos mais populares da década.

Balanchine

Ana Isabel Almeida, Ana Sofia Graça, Ana Tojal, Cristina Éme, Gabriela Brás, Nair Seixas e Sofia Veiga
Serenade for Strings in C, Op. 48, Tchaikovsky por **Marta Lima**

George Balanchine é reconhecido como o coreógrafo que revolucionou o pensamento e a visão sobre a dança no mundo, através da fusão dos conceitos modernos com as ideias tradicionais clássicas do Ballet Clássico, criando ballets sem enredos e em que a principal motivação era o movimento com a música, como por exemplo *Serenade* (1935). Balanchine permanece como uma das maiores influências dos mestres de dança da actualidade.

Jack Cole

Lara Oliveira, Margarida Campos e Sienna Guerreiro
All The Cats Join In, Benny Goodman por **Marta Aguilar**

Jack Cole, discípulo de St. Denis e Ted Shawn, misturou vários estilos e colocou os movimentos autênticos das danças do leste da Índia no swing da música jazz, desenvolvendo assim o método "jazz-ethnic-ballet".

Nos anos 40 começou a coreografar para a Broadway a par de um trabalho primoroso com Divas como Marilyn Monroe, Betty Grable e Rita Hayworth. É considerado o "Pai" da Dança Jazz Americana e é responsável pela dignificação da Dança Jazz no teatro musical e no cinema. O seu estilo singular caracteriza-se pela alternância entre poses dramáticas e exageradas e momentos calmos com movimentos explosivos e mudanças rápidas de direcção, abertura das pernas bem mais do que a tradicional "segunda posição", flexão ligeira dos joelhos com acentuação das nádegas, isolamentos e acentuações de ombro e anca, gestos precisos de mãos, e a cabeça e os olhos também como partes do corpo que dançam.

Tango

Acácio Albergaria Coelho, Acácio Paiva Coelho, Catarina Azevedo, Cristina Éme e Jorge Azevedo
Emancipación, Osvaldo Pugliese y su Orqueta por **Marta Aguilar & Acácio Coelho**

Ao longo do séc XIX a entrada massiva de imigrantes europeus para ocupar novos postos de trabalho na Argentina originou um excedente populacional masculino que favoreceu a abertura de diversos prostíbulos. Nessa altura e nesses espaços, da mescla de culturas nascem as primeiras formas de Tango, inicialmente dançadas e praticadas por um par de homens enquanto aguardavam pela sua vez.

Em 1900 o bandoneon surge e passa a ser um instrumento essencial ao Tango, modifica e amplifica as composições musicais e no Tango começa a ser aceite a mulher dançar, ainda que na sua maioria fossem prostitutas. Na década de 20 o Tango chega à Europa e faz furor, nomeadamente em Paris, e o preconceito face ao mesmo começa a diluir-se. O Tango vai-se alterando e complexificando e, na década de 40 adquire grande riqueza artística - quer a nível de composição, quer nível da poesia, quer a nível de movimentos de dança - e sai da periferia e das zonas marginais para introduzir-se definitivamente na cidade de Buenos Aires e no mundo, motivo pelo qual esta década é chamada de "época de ouro do Tango".

Rock & Roll

Catarina Teixeira e Rodrigo Carvalho
Jonny B. Goode, Chuck Berry por **André Ferreira**

O Rock n' Roll originou-se e desenvolveu-se nos EUA entre o final dos anos 40 e início dos anos 50, altura em que surgiram os primeiros passos de dança para este estilo. Bill Haley, transformava a música baseada no country num novo ritmo, mais rápido, acentuado e dançante. Elvis Presley, surgia um ano depois conquistando de imediato uma legião de fãs, graças ao seus movimentos bambaleados revolucionários e às canções que uniam folk e rhythm & blues. A moda da época ficou intensamente marcada pelo estilo musical e respectiva dança: jeans escuros, saias rodadas, blusões de couro, cabelos armados e delineador forte nos olhos.

Merce Cunningham

Ana Sofia Graça, Gabriela Brás, Márcia Soares e Nair Seixas
How to Pass, Kick, Fall and Run, John Cage por **Marta Lima**

Depois da sua formação artística com Martha Graham, Cunningham afasta-se das propostas técnicas e estéticas da narrativa dramática e começa a trabalhar na década de 50 com manipulações do movimento, desconstruindo a relação do corpo com o tempo e espaço, onde cada elemento tem a sua própria identidade. Numa longa colaboração com John Cage, experimenta também uma relação diferenciada de independência entre música e dança. Torna-se um dos principais nomes da corrente Pós-Modernista da Dança Abstracta e da Dança Contemporânea.

Anna Halprin

Ana Tojal, Clara Nogueira, Cristina Éme, Letícia Amaro, Rute Landolt, Sara do Mar e Sofia Veiga
San Francisco (Be Sure to Wear Some Flowers in Your Hair), Scott McKenzie (Alunas a cantar e a tocar); *While my Guitar Gently Weeps*, The Beatles (George Harrison) por **Marta Aguilar**

Com as correntes Pós-Modernas e a rebelião dos anos 60 e do movimento Hippie, a dança passou do engessamento estético e técnico à liberdade total, onde todos podiam dançar, de qualquer forma e em qualquer lugar, de tal modo que se perdiam de vista critérios de avaliação das performances e dos bailarinos, não havendo uma forma nem um lugar ‘melhor’ ou ‘mais correcto’ de se dançar. Deu-se o distanciamento da dança enquanto arte teatral, mas houve a aproximação da dança a outras artes.

Com o emergente movimento ‘Flower Power’ que promovia a vida em comunidade e a ideologia da não-violência, a coreógrafa Anna Halprin organizou uma oficina de dança em São Francisco, onde juntou vários bailarinos consagrados e artistas de outras áreas para desenvolverem um trabalho que dava a liberdade de se movimentarem com emoção e com um sentimento de comunidade. Esta técnica viria a chamar-se crescimento potencial humano. Mantinha a ligação ao comportamento não verbal e examinava o uso da linguagem e da expressão corporal. Mais tarde Anna Halprin dedicou-se às bases da dançoterapia.

Bob Fosse

Andreia Mendes, Catarina Azevedo, Isabel Santos, Laura Rodrigues, Manuela Couto e Rita Garcia
All That Jazz & Cell Block Tango, Chicago por **Marta Aguilar**

Filho de um bailarino de Danças de Salão e de uma bailarina de cabaret ao estilo Burlesco e Vaudville, e inspirado pelo trabalho notável de Jack Cole, nos anos 70 Bob Fosse criou um estilo particular, poderoso e sensual de Dança Jazz cujo conjunto de movimentos técnicos específicos - ‘Amoeba’-, inclui posturas e caminhadas inclinadas, joelhos virados para dentro, rotações e acentuações da anca, movimentos pélvicos pesados e ombros arredondados, com isolações do corpo e articulação e coordenação de mãos e dedos, sendo os movimentos das mãos um dos elementos com maior detalhe.

Este coreógrafo foi também responsável por demonstrar que todo indivíduo é capaz de dançar, potenciando as suas capacidades físicas e acentuando a sua expressividade, distanciando-se dos padrões pré-estabelecidos de padrão físico ideal e exímia técnica.

Disco

Beatriz Tavares, Catarina Costa, Gabriela Oliveira, Kotryna Cardoso, Lara Oliveira, Mafalda Tavares, M^a João Costa, Mariana Sá e Marta Teixeira
Everybody Dance Now, C+C Music Factory ft. Freedom Williams; *Le Freak*, *Chic*; *Stayin Alive*, Bee Gees; *YMCA*, Village People por **Marta Lima**

A dança Disco nasceu nas festas em discotecas como oposição ao rock, num estilo muito enérgico, divertido e sensual, sob a forma de improviso e com recurso a passos de danças latino-americanas adaptados criativamente à Dance Music, e a figurinos extravagantes, brilhantes e altamente coloridos. Alcançou o seu pico de popularidade com o sucesso de bilheteira “Saturday Night Fever”, em 1977.

Michael Jackson

Ana Sofia Graça e Márcia Soares

Beat it, Startin’ something, Thriller, Billie Jean, The way you make me feel, Bad & Smooth Criminal, Michael Jackson por **Marta Lima**

Michael Jackson foi um artista que inspirou dançarinos de todo o mundo, criador de um estilo totalmente novo, deixando um legado notável na dança com os seus passos originais. Este ano faz 35 anos que Michael Jackson realizou o primeiro “Moonwalk” durante uma apresentação de Billie Jean. Também o seu popular figurino se tornaria um clássico do seu percurso na música e na cultura pop.

As suas maiores influências terão sido Fred Astaire, Marcel Marceau, Billy Bailey e Bob Fosse, notando-se este último nos detalhes como o uso do chapéu de coco e luvas brancas.

Boys & Girls Band

Carolina Lopes, Catarina Azevedo, Catarina Teixeira, Francisca Lourenço, Inês Cervan, Inês Moreira e Rodrigo Carvalho

Get Down, Backstreet Boys; *Wannabe*, Spice Girls por **André Ferreira**

A década de 90 foi marcada pelo sucesso de várias boysbands e girlsbands, onde cada um dos elementos do grupo tinha uma personalidade e estilo marcadamente distintos. Estes grupos apresentavam-se em performances altamente produzidas, onde a música era fácil ao ouvido, contagiando e convidando o público a acompanhar as suas coreografias.

Os Backstreet Boys alcançaram o título de maior boysband de sempre e com maior número de vendas registado no livro Guinness.

Hip Hop

André Ferreira

Cry me a River, Justin Timberlake por **André Ferreira**

A cultura Hip Hop surgiu na década de 70 da fusão de classes afro-latino-americanas a viver nos subúrbios de Nova York, num contexto social de violência e de criminalidade. A única forma de lazer possível para os jovens desses bairros era nas ruas, mas encontraram na música e na dança improvisada uma forma saudável e não violenta de contestar e manifestar quer a sua realidade quer a rivalidade entre gangs.

Na década de 90 o Hip Hop chega à Europa e nos anos 2000 esta dança de rua institucionaliza-se e torna-se na dança mais procurada nas escolas. Surge o Newstyle, uma nova abordagem sobre esta dança, que funde os movimentos e estilos essenciais do Hip Hop com influências contemporâneas, numa perspectiva mais de performance do que de batalha e de rua.

Ragga Dance Hall

Carolina Lopes, Catarina Azevedo, Catarina Teixeira, Francisca Lourenço, Inês Cervan e Inês Moreira
Dawg, *Busy Signal*; *Palo*, *Puri*; *Tik Tak*, *Spice* por **André Ferreira**

O Dance Hall é um género de música popular jamaicana do final dos anos 70. Inicialmente, o Dance Hall era uma versão mais esparsa do Reggae, mas em meados da década de 80 a instrumentação digital tornou-se predominante e alterou consideravelmente o som. Nos anos 2000 obteve sucesso mundial, e na década de 2010, quer a música, quer a dança começaram a influenciar fortemente o trabalho de artistas e produtores ocidentais, nomeadamente da cultura Hip Hop e R&B, pois o som e os seus movimentos trouxeram às performances mais energia e diversão.

Muitos movimentos de dança vistos actualmente em vídeos de Hip Hop são na verdade variações de Ragga Dance Hall.

Fado

Acácio Paiva Coelho, Catarina Azevedo, Cristina Éme e Jorge Azevedo
Há Uma Música do Povo, Mariza por **Marta Aguilar & Acácio Coelho**

A origem do Fado é incerta e controversa. Em Lisboa em 1840 cantava-se sobretudo o Fado ‘marinheiro’ e em 1870 integrou-se o Fado no Teatro Revista, nascendo aí a sua primeira forma de dança. Na primeira metade do século XX o Fado foi adquirindo grande riqueza melódica e complexidade rítmica e foi-se tornado mais artístico, integrando não só poemas eruditos, mas também obra literária de autores com formação académica e projectando-se no cinema, no teatro e na rádio. A partir dos anos 50 deu-se a internacionalização do Fado, nomeadamente na figura de Amália Rodrigues e nos anos 90 consagra-se, definitivamente, nos circuitos da World Music.

Em 2011 o fado foi elevado à categoria de Património Cultural e Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Vários bailarinos Portugueses têm vindo a incorporar e adaptar movimentos e técnica de várias danças ao Fado, nomeadamente de Tango Argentino e, actualmente há já bailarinos de outras nacionalidades a disseminar a dança Tango-Fado pelo mundo.

